

Sergipe na Segunda Guerra Mundial:

Um breve histórico do impacto e influência da guerra no território sergipano.

José Roberto da Silva Junior

Alessandra Silveira Borghetti Soares

Resumo

Este presente artigo tem como objetivo mostrar os danos e mudanças na vida dentro território sergipano durante o período turbulento ao qual conhecemos como Segunda Guerra Mundial, apresentando um histórico de mudanças na mentalidade e a gradual vontade dos brasileiros em ver o Brasil entrar na guerra contra o Eixo, logo após o ataque do submarino alemão U-507 no litoral sergipano, visto que o ataque aflorou as emoções dos habitantes de Sergipe e logo o sentimento de fúria se alastrou por todo o Brasil com os países do eixo, principalmente a Alemanha e a Itália, gerando bastante pressão no governo de Vargas e em seus interventores federais, neste contexto Sergipe entra para a história como um importante ponto de encontro da América do Sul com a guerra que atingiu todo o mundo, toda a pesquisa é feita explorando a importância da micro-história e teve seu embasamento através de jornais de época, documentários, artigos e livros publicados por consagrados pesquisadores e escritores.

Palavras-chave: Sergipe, Brasil, Alemanha, Segunda Guerra Mundial.

Sergipe in World War II:

A brief history of the impact and influence of war in Sergipe territory.

Abstract

This article aims to show the damages and changes in life in Sergipe territory during the turbulent period known as World War II, presenting a history of changes in mentality and the gradual will of Brazilians to see Brazil enter the war against the Axis, soon after the attack of the U-507 German submarine in the Sergipe coast, since the attack surfaced the emotions of the inhabitants of Sergipe and soon the feeling of fury spread all over Brazil with the axis countries, mainly Germany and Italy, generating much pressure in the government of Vargas and its federal interveners, in this context Sergipe enters history as an important meeting point of South America with the war that hit the whole world, all research is done exploring the importance of microhistory and was based on periodicals, documentaries, articles and books published by consecrated researchers and writers

Keywords: Sergipe, Brazil, Germany, World War II.

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial é lembrada nas escolas, nas redes sociais e pelo povo numa amplitude geral como um conflito catastrófico que deixou em seu caminho durante os anos uma verdadeira trilha incontável de mortos, do ponto de vista dos brasileiros na contemporaneidade o Brasil não deteve um papel importante nesta história, com os sergipanos isto não é diferente também. No senso comum a guerra é colocada como algo europeu de simbólica aproximação brasileira, para os cidadãos sergipanos seu protagonismo na guerra é algo ainda distante em sua mentalidade atual.

O fato de Sergipe ser um dos poucos locais que teve contato direto com a guerra em toda a América do Sul demonstrando o quão imerso na guerra esteve o Estado junto do Brasil e de ter sido um importante influenciador na declaração de guerra do Brasil ao Eixo por parte do contraditório governo ditador de Vargas é ignorado ao remontar à este tempo. Sergipe então passa a ter sua memória deixando aos poucos seu local adjunta ao tempo presente que sucumbe ao esquecimento em sua sociedade.

É diante desta realidade que este artigo se propõe à uma análise e reflexão da sociedade sergipana no período de 1937 à 1945 buscando enxergar os impactos e a influência que o conflito mundial entre os Aliados – *EUA, Reino Unido, França e etc.* – e o Eixo – *Alemanha, Itália e Japão* – inseriu na vida dos sergipanos, desde os anos iniciais da guerra afetando sutilmente o estado, aos fatídicos torpedeamentos na costa de Sergipe, a efervescência popular buscando vingança do Eixo e a volta do otimismo popular com o fim da guerra, respectivamente, acontecimentos que marcaram a história sergipana, com o objetivo de compreender as mudanças ocorridas na sociedade sergipana durante o período demarcado pela pesquisa e perceber as mudanças no cotidiano dos cidadãos de Sergipe.

Frente ao objetivo da pesquisa, respeitando uma linha cronológica da análise histórica, o primeiro tópico irá abordar a chegada da Segunda Guerra Mundial em Sergipe, no segundo tópico serão tratados os naufrágios ocorridos no litoral nordestino sob a mira dos nazistas, o terceiro tópico tem como tarefa mostrar a reação popular diante dos ataques e a perseguição aos estrangeiros que foi gerada, o quarto tópico analisa as mudanças ocorridas na capital depois de 1942, o quinto tópico relata a participação dos pracinhas sergipanos na Segunda Guerra

Mundial, o sexto tópico se propõe a mostrar de que forma se deu o fim da ameaça nazista em solo sergipano, por fim o sétimo tópico reflete as homenagens feitas aos que pereceram diante da guerra.

Para isto, o presente artigo analisa, interpreta e reflete os diversos jornais da época – *Correios de Aracaju e Folha da Manhã* – colhidos diretamente no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e no site Jornais de Sergipe – o qual disponibiliza diversos jornais digitalizados –, documentários e artigos que se debruçam sobre o tema, visitas e observações aos locais históricos que foram marcados pelo contato direto de Sergipe com a guerra – *Rodovia dos Náufragos, Praia dos Náufragos, cemitério dos Náufragos, Praia da Atalaia entre diversos outros pontos* –, além da utilização de variados autores – *João Barone, José Martiniano dos Santos Jr, J. Pires Wynne, Marc Bloch, Max Hastings, Dilton Maynard, A.A. Evans e David Gibbons entre outros* – para entender em sua amplitude as questões políticas, sociais e econômicas do mundo, do Brasil e principalmente de Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial.

O desenvolvimento desta linha de estudo se torna imprescindível para a valorização deste período histórico na história de Sergipe e do Brasil, notando-se que de fato Sergipe teve seu papel na Segunda Guerra Mundial e que o evento mundial chegou ao nordeste brasileiro de forma brutal e ameaçadora. A pesquisa se fundamenta a pensar e compreender a formação da sociedade sergipana contemporânea, visualizando seus acontecimentos durante a luta contra o nazismo e valorizando a identidade regional sergipana junto com a importância histórica impactante que a Segunda Guerra Mundial fincou na memória de Sergipe, mantendo viva a memória dos que pereceram, da influência do medo da guerra e do fervor da mesma em seus cidadãos no período.

1- A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL CHEGA A SERGIPE

O Brasil durante o período da Segunda Guerra Mundial se encontrava em um momento político controverso, seu governante, Getúlio Vargas, acabara de adotar um regime político ditatorial e centralizador com semelhanças aos regimes fascistas que ascendiam na Europa, esse governo antidemocrático em alguns pontos da história quase levou a crer que seria possível uma aliança entre Vargas e Hitler graças à suas similaridades, mas os EUA se mostraram bastante rápidos em conter o avanço da influência e do cooperativismo alemão com o território

brasileiro com suas políticas voltadas a união da América e seu fornecimento de capital e apoio econômico ao Brasil de Vargas.

Muito se é discutido acerca da tentação de Vargas com o apoio ao partido nazista, graças a sua ambiguidade política durante o período, hora discursando em apoio à países democráticos e hora com discursos distribuindo elogios aos países adeptos a governos fascistas, esse dualismo político demonstra o quanto Vargas tentou levar o Brasil neutro na guerra até onde pôde. No contexto de uma guerra global de longa duração, as pressões voltadas a escolha de um lado de uma nação tendem apenas a crescer e isso não foi diferente com o Brasil. Havia uma enorme relação comercial do Brasil com a Alemanha durante esse momento, a Alemanha necessitava e recebia em larga escala matéria-prima – *algodão, tabaco, couro e etc.* – para fabricação de equipamentos para seus soldados e o Brasil recebia em troca neste comércio produtos da indústria – *máquinas pesadas, motores elétricos e alguns automóveis (Mercedes Benz, Opel)* – essas relações comerciais Brasil-Alemanha apenas cresciam transformando o Brasil em 1938 maior parceiro comercial da Alemanha fora da Europa, logo se tornou de extrema importância para os EUA conter o avanço e se colocar próximo do Brasil novamente, neste aspecto Oswaldo Aranha, como ministro das relações exteriores entra como principal mediador dos EUA com o Brasil, fortalecendo e articulando os laços econômicos e políticos entre os dois lados. Além desses dois países disputando a influência com o Brasil, Vargas também manteve contatos econômicos com a Itália, por exemplo, no qual foram comprados submarinos para fortalecer a marinha nacional em 1936.

Posteriormente, os Estados Unidos conseguem uma posição mais favorável na aliança com o Brasil por meio de diversos tratados assinados e acordos políticos feitos, como o pacto de ajuda mútua, que explicando de forma simplista, consistia em caso um país do continente americano ser atacado, os outros deveriam atuar em sua defesa, além deste pacto também houve o acordo com os norte-americanos sobre a construção da siderúrgica de volta redonda – *havia a promessa por parte da Alemanha para a construção de uma siderúrgica no Brasil, mas apenas após o fim dos conflitos na Europa, assim, os EUA saem na frente providenciando a construção imediata* –. Após esses diversos acordos e tratados com os EUA, ainda houve o corte das relações dos países americanos com o Eixo em prol da democracia, como visto no dia 7 de janeiro de 1942 no jornal Correio de Aracaju: “*Ruptura das relações dos países americanos com o Eixo.*”ⁱ.

O caminho de Vargas em sua política pendular pende mais ao lado aliado do que ao lado “Eixista”, isto sinaliza diretamente a insatisfação crescente que vai se instaurando na Alemanha nazista no que remete às terras brasileiras. Em relação ao povo brasileiro, boa parte das pessoas tendiam a não apoiar o domínio nazista e repudiava seus atos na Europa, com o raro apoio à política do Eixo ficado à classes mais conservadoras da sociedade. O amparo popular a causa britânica pôde ser visto também nos jornais da época, como na edição de 15 de junho de 1942 do Correio de Aracaju que relata: *“Aparelho oferecido a R.A.F. pelo povo paulista. A entrega do “Spitfire” foi feita pelo embaixador brasileiro em Londres.”* ii mostrando as boas intenções dos brasileiros à luta contra os nazistas.

De forma tímida os sergipanos sentem a chegada da guerra em sua terra, sutis mudanças na economia a partir de 1939 começam a surtir efeitos cada vez mais notáveis no passar dos anos, como no aumento do preço dos alimentos: o arroz, feijão, a farinha de trigo, açúcar e a carne sobem de forma alarmante a cada ano em que a guerra continua implacável, desta forma dificultando gradativamente a vida do sergipano. Até este momento então o Brasil se declarava neutro na guerra, o povo brasileiro recebe periodicamente notícias do andamento da guerra na Europa mas nada que cause medo e pânico no território sul-americano, no estado de Sergipe as notícias sobre o desenrolar da guerra possuem um caráter diário, as manhãs são cobertas de informações sobre os avanços alemães na Europa e os jornais por sua vez demonstram sair em defesa da derrota alemã frente os aliados, a política nazista não era bem vista pelo povo sergipano, de fato.

Sergipe, um estado pequeno e litorâneo, não sonha no que está por vir nos anos seguintes, porém, começa a relacionar o andamento dos acontecimentos da Segunda Guerra a um risco iminente, no jornal Correio de Aracaju em sua edição de 20 de janeiro de 1942, logo após ser noticiado naufrágios de navios brasileiros em águas estrangeiras – *Buarque e Olinda* –, critica a posição neutra do Brasil, que de certa forma reflete o anseio das pessoas da época, em sua capa há estampado o discurso *“Devemos iniciar uma política de preparação de guerra.”* iii, no fundo já estava claro que navios brasileiros sendo afundados em territórios estrangeiros seria apenas o início dos ferimentos ao território brasileiro.

Sergipe teve consequências na economia diretamente conectadas a crise que afligia o mundo, relatos de pessoas da época situam tal problema e atenuam a conjuntura social e econômica da qual o povo teve que se adaptar e aprender a conviver como mudanças nos hábitos

alimentares, substituindo alimentos em falta por outros, na busca por alternativas ao uso da gasolina e na procura por mercados consumidores.

O litoral nordestino na visão estadunidense daquela época era um alvo perigoso e que merecia atenção, pois, caso a Alemanha nazista evoluísse suas investidas para a região do continente africano, o nordeste estaria na mira alemã com facilidade, visto que por sua vez, a Alemanha poderia fazer uso do continente africano para ter suporte de combustível e vir até a América realizar ataques e atingir indiretamente os EUA, além também, do medo dos norte americanos com a influência e o controle do nazismo chegando a América do Sul – *Havia um enorme número de estrangeiros alemães, italianos e japoneses vivendo no país, o que apresentava um possível risco na visão estadunidense de uma dispersão facilitada da doutrina nazista* –. O que o Brasil tinha como segurança era o fato de ter se declarado neutro, mantendo-se até quando não tivesse outra escolha numa política ambígua de dualismos com os países do eixo e os aliados, esperando que não houvesse ataques de forma direta ao país, mas diante de sua harmoniosa relação com os Estados Unidos – *que após o ataque dos japoneses à sua base de Pearl Harbor localizada no Atlântico, entra na guerra contra o Eixo Roma-Berlim-Tóquio* – manter laços com países presentes na guerra torna difícil a neutralidade brasileira do pressuposto que antes de sofrer de fato um ataque direto da Alemanha, já existia a pressão dos EUA para que Getúlio Vargas entrasse na guerra em apoio aos aliados com o Brasil.

Entre 1939 à metade de 1942, apesar das dificuldades, a sociedade sergipana viveu com tranquilidade em relação a guerra, sem medo de bombardeios ou torpedeamentos, e, por mais que houvesse escassez de alimentos, limitação de combustível e uma crise comercial, era algo que a população poderia suportar adaptando-se gradualmente sem de fato imergir na luta, mas isto foi apenas até agosto de 1942, quando foi constatado ataques diretos por parte dos nazistas e muitas mortes de sergipanos em alto mar.

2- OS NÁUFRAGOS NA COSTA SERGIPANA

No Estado Sergipe, a ideia de um ataque vindo diretamente dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial era completamente infundada, digna de algumas risadas pelos cidadãos locais que viam a afirmação como uma possível brincadeira, a guerra para os sergipanos estava muito distante dali, o mais próximo que chegariam dela seria no cinema ou em algumas colunas nos jornais avisando sobre o desenvolvimento do conflito na Europa, todavia, tudo muda com a chegada do submarino alemão U-507, encarregado de torpedear

navios na costa brasileira, o U-507, capitaneado pelo jovem, porém experiente, Harro Schacht, que chega objetivo, preciso e destruidor no litoral de Sergipe.

Como afirmado por Marc Bloch em sua obra *A Estranha Derrota*, de 1940, sobre o andamento da guerra diante dos nazistas, o que torna-se perceptível é a surpresa causada nos ataques e investidas da Alemanha nazista, os quais normalmente eram letais e silenciosos, este fato intensificava o sentimento de terror perante o inimigo e reafirmava a força, bastante audaciosa, que a Alemanha possuía.

“Essa guerra foi feita, [...], de surpresas perpétuas. O resultado, no plano moral, parece que teve consequências muito graves. [...] Os encontros com o inimigo não foram inesperados apenas no lugar e na hora. Eles aconteciam também, em sua maioria e com uma frequência crescente, de uma forma para a qual nem os chefes nem as tropas estavam preparados.”^{iv}

Era 15 de agosto de 1942, sábado à noite, às 19h10min, o navio Baependy navegava pelo litoral sergipano com 306 tripulantes. Enquanto o Baependy trafegava pela costa sergipana foi surpreendido com violentos torpedeamentos do submarino alemão U-507v que rapidamente colocou abaixo toda a embarcação – *posteriormente foi descoberto a partir dos diários de bordo do comandante do U-507, Harro Schacht, e de relatos dos sobreviventes, que o navio no momento do ataque estava em festa, com luzes acesas e muitas pessoas festejando pois era comemorado no momento o aniversário de um tripulante, o que de certa forma facilitou o ataque* –, dos 306 a bordo do Baependy apenas 36 sobreviveram ao ataque. Na mesma noite durante a madrugada, o navio Araraquara recebeu um chamado de ajuda forjado pelos alemães, vindo do Baependy, atraindo-os para outro ataque que novamente destrói outro navio brasileiro deixando 131 mortos e 11 sobreviventes, porém os ataques não pararam por aí, apenas algumas horas depois, já na madrugada de 16 de agosto de 1942, o navio Aníbal Benévolo é torpedeado e de sua tripulação, à qual o seu capitão afirmou após o ataque, ser composta por 160 passageiros 64 tripulantes, apenas ele – O capitão Henrique Silveira – e mais outros três membros da tripulação conseguiram sobreviver agarrando-se a uma baleeiravii, com o Aníbal Benévolo finalizando o ataque nas costas sergipanas e seguindo para o litoral da Bahia.

O Aníbal Benévolo tinha uma importância diferenciada aos sergipanos, pois consistia em um navio com tripulantes em sua maioria sergipanos, vindo para seus municípios no estado. O povo sergipano sente de forma certa o ataque com a perda de vários familiares e conterrâneos, algo que contribui muito para as atitudes intensas de seus cidadãos na capital nos momentos seguintes após os torpedeamentos. A contagem de mortos dos navios foi um pouco

dificultada, pois, naquela época o departamento de imprensa e propaganda do Estado Novo modificava as informações como lhes fosse conveniente à fim de preservar a imagem do governo.

Ao amanhecer do dia começa o pânico dos moradores locais que ao ir à praia notam centenas de corpos na areia da praia e não fazem a mínima ideia do que acabou de acontecer, onde hoje em Aracaju estão a praia da Atalaia, praia dos Náufragos e rodovia dos náufragos, jazia uma imensidão de corpos e desespero. Rapidamente os moradores entraram em contato com a polícia local, o corpo de bombeiros e o exército, levando a descoberta de que o Brasil tivera sido vítima de um ataque direto da Alemanha vindo do mar.

Não demorou muito para que houvesse toda uma mobilização voltada ao enterro dos corpos que chegavam em grandes quantidades na praia, a partir de um documentário local com entrevistas a pessoas que estiveram presentes no incidente tem-se uma ideia de como foi horrível a cena encontrada na praia, como corpos em estágio inicial de decomposição de crianças e adultos, à margem da água da praia trazidos pelo mar. A maioria dos corpos foi enterrada na praia mesmo, grande parte enterrada como indigente, pois infelizmente eram muitos corpos para pouco tempo em que o trabalho deveria ser realizado, e havia todo o tipo de itens espalhados nas praias do litoral também, pertences dos tripulantes dos navios como jóias, dinheiro, artigos de luxo do próprio navio, essa enorme diversidade de “riquezas” acabou por chamar a atenção das pessoas da região para atos criminosos de furto, vendo itens de valor monetário alto nos corpos e jogados na areia, essas pessoas acabaram furtando, vendendo e usufruindo em benefício próprio os restos do naufrágio, na época, os marinheiros andavam com uma “fundaviii” e guardavam o dinheiro dentro temendo naufrágios, por este motivo, boa parte do dinheiro que era carregado nos torpedeamentos não foi perdido no mar e sabendo disto os moradores saquearam boa parte do dinheiro encontrado nos corpos. Nos últimos dias de coleta dos corpos restavam corpos em que o estado de decomposição já estava bastante avançado, apenas com os ossos e a roupa do corpo, o que definitivamente marcou a lembrança dos que estavam presentes no ato da coleta.

A imprensa foi tardia em relatar ao povo os acontecimentos daquela data, mas isso não foi devido a incompetência da imprensa local, deve-se ao fato de que naquele período havia forte censura pela DE. I.P.ix, o governo visando não alarmar a população e causar pânico geral acabou por segurar as notícias levando-as ao povo tardiamente, quando as notícias finalmente

saíram já haviam se passado 2 dias do incidente. A imprensa sergipana passou também a se tornar o centro das atenções, não apenas no contexto nacional, mas também no contexto internacional, todos queriam saber sobre os torpedeamentos, principalmente os norte-americanos. Os norte-americanos através do Washington Days News x demonstraram o interesse na participação do Brasil através do discurso de que o apoio do Brasil na guerra auxiliaria no controle do Atlântico Sul bloqueando rotas mais curtas da invasão nazista neste hemisfério e fortalecendo a aliança americana.

Após constatado os ataques e o causador dos ataques, o U-507, com seu capitão Harro Schacht, torna-se uma caça, a procura incessante e a aniquilação do temível U-boat responsável por tantas mortes na costa sergipana têm início e vira o ponto primordial para que a calma dos sergipanos seja devolvida, é testemunhado o surgimento de um verdadeiro espírito e sede de vingança enraizado à sociedade que viu nos ataques a falta de misericórdia e seu aspecto punitivo vindo dos nazistas. Alguns dos navios atacados possuíam soldados recém formados e novos armamentos o que levou a crer na época ainda mais na existência de possíveis espíões e “*quintas-colunas*”^{xi} vazando informações ao Eixo, despertando inquietação, indignação e medo, um acúmulo de emoções na sociedade que operam rumo a uma perseguição xenofóbica e violenta no Estado e no país.

3-A IRA DOS SERGIPANOS E A PERSEGUIÇÃO AOS ESTRANGEIROS

No dia 18 de agosto de 1942 nos jornais sergipanos começaram a sair as primeiras notícias acerca do ataque, observando a edição do dia 18 de agosto do jornal Folha da Manhã que em sua capa o título enunciava “*Vandalismo “eixista”, covarde agressão da canalha nazista*”, seguindo de um sentimento de luto brasileiro relatando em suas páginas os acontecimentos, é visto o seguinte trecho retirado da capa do jornal Folha da Manhã do dia 18 de agosto:

“A manifestação de pesar dos estudantes

Enquanto isto os estudantes sergipanos, os colegiais patricios, herdeiros de uma tradição de bravura e de civismo, se aglomeravam pelas ruas e praças da cidade e erguendo vivas ao Brasil, exalçavam a coragem indomita do nosso bravo marinheiro, pranteando o desaparecimento dos valentes bravos soldados que tombaram no cumprimento do dever ante balas assassinas do Eixo.”^{xii}

Além disso, é apontado no jornal a notícia de que mais dois navios foram afundados ao norte da Bahia gerando ainda mais euforia e medo na população sergipana, principalmente

nos moradores da capital de Sergipe, Aracaju, manifestações essas que são contidas pela polícia conforme visto no trecho a seguir retirado do jornal folha da manhã:

*“...Aí então redobra a consternação do povo e a sua indignação chega ao auge.
Os colegas agora engrossados pela massa do povo grita e pede o desforra.
A policia vê-se obrigada a intervir por varias vezes afim de conter a multidão
e evitar os disturbios.
O povo é docil e obedece facilmente.”xiii*

É percebido então que desde o dia em que os ataques foram constatados até os dias que se seguiram por aquela fatídica semana, as ruas de Aracaju foram cobertas pela população em busca de respostas acerca do acontecido, a capital de Sergipe foi tomada por um sentimento de fúria diante dos estrangeiros locais alemães, japoneses e italianos. No contexto social a mudança de comportamento diante dos estrangeiros demonstra-se bastante rígida, diversos estrangeiros alemães e italianos foram detidos e passaram por interrogatórios, cargos públicos foram perdidos e o preconceito e violência da população para com os estrangeiros refletiu isto. O medo gera desconfiança e a desconfiança gera a violência.

Toda essa movimentação finda em frente ao palácio Olímpio Campos, populares querendo uma posição do atual interventor federal, o coronel Augusto Maynard Gomes, e o pronunciamento que receberam de Augusto Maynard foi um pedido de calma aos sergipanos, algo que não foi suficientemente eficiente em conter toda a manifestação popular pela cidade, a população aracajuana após o pedido de calma eclodiu em mais indignação, seguindo da depredação dos imóveis de um famoso morador da região chamado Nicola Mandarinio, sendo a causa da destruição de seu patrimônio ele ser italiano e chefe integralistaxiv na região, estes motivos levaram Nicola a ter a acusação de ser um espião^{xv} do eixo e de ter entregado as rotas dos navios aos alemães, pois, em sua casa foi encontrado de acordo com população na época, bandeiras fascistas escondidas junto com munições, além também de ter sido encontrado um rádio com antenas no topo do prédio gerando desconfiança na população, a população rapidamente destruiu seus imóveis, incendiou sua casa e sua fábrica e favoreceu posteriormente a acusação de Nicola e sua prisão, conseguindo porém provar sua inocência no futuro ele foi solto. Esse foi apenas um dos vários casos de acusação de espionagem ocorridos no período, o povo passou a ver com outros olhos os estrangeiros de nacionalidade italiana, japonesa, espanhola e alemã no estado, iniciando assim uma série de perseguições como forma de vingar as mais de 500 mortes ocorridas no litoral, foram várias depredações à casas de estrangeiros e

violência exacerbada, levando-os – *os perseguidos* – até mesmo a pedir para ficarem na prisão estando eles atrás das grades mais seguros que nas ruas diante da fúria local.

O povo aracajuano estava assustado e ao mesmo tempo seu imaginário nutria a paranoia de haver espiões e traidores em seus meios de convivência, qualquer ação peculiar ou duvidosa poderia gerar desconfiança e indiferença popular, o que por sua vez incitava mais violência na cidade.

As manifestações populares logo ganharam força fora do estado, como os movimentos da UNExvi, levando toda a pressão popular para cima de Vargas, o povo sergipano pedia a declaração oficial de guerra do Brasil e essa vontade estava não só acompanhando os sergipanos mas todo o país, é possível notar isto com o movimento dos estudantes e universitários da época que foram bastante enérgicos, diante dos movimentos pró-guerra da população brasileira e do apoio americano disponibilizando regalias ao Brasil, Vargas anuncia o apoio do Brasil aos aliados na luta contra o nazismo firmando assim sua posição na guerra que já estava sendo apontada à alguns anos em direção a amizade com os EUA, um marco histórico para Sergipe e para o Brasil.

4- MUDANÇAS NA CAPITAL ARACAJUANA

Aracaju possuía uma pacata rotina de cidade pequena provinciana, seus cidadãos tinham sua hora de acordar às 5h00 da manhã com o alvorecer e dormir às 22h00 da noite, inserindo a cidade numa completa quietude noturna enquanto os habitantes dormiam. “*As noites na capital de Sergipe eram vibrantes, haviam os bailes, os cabarés e cassinos e diversos outras formas de lazer*”^{xvii}, contudo, as coisas mudam de ares após a ameaça nazista no litoral.

Neste momento histórico a cidade de Aracaju passa por mudanças em sua rotina diária, dá-se conta do aumento na segurança que o estado determina na cidade, a polícia no dia 19 de agosto de 1942 publicou a mensagem sobre a necessidade da implantação de medidas de segurança visando manter a ordem na capital e a segurança dos cidadãos no caso de alguma futura crise a segurança local, seguindo esta turbulência, a situação do Brasil com a Alemanha ficaram irremediáveis, torna-se visível em Sergipe através das notícias que vão sendo publicadas nos jornais, como no dia 24 de agosto de 1942, sai no jornal folha da manhã o anúncio da declaração de guerra ao Eixo.

“O Brasil está em guerra.

Não porque a provocasse.

O seu governo e seu povo conhecem de sobejo os efeitos desastrosos que proveem da guerra.

Mas, as circunstâncias dos ultimos momentos assim o exigem e o reclamam.”xviii

Fica claro, como na mentalidade brasileira, os cidadãos sentem-se na obrigação de entrar na guerra não por sua vontade, mas devido à *“pirataria nazista que torpedeou os navio na costa brasileira”*xix. Também foi colocado à mesa por conspiradores a ideia de que o ataque teria sido tramado pelos EUA na busca da participação do Brasil na guerra, algo equivocado visto a quantidade de provas da Alemanha – *que assumiu o ataque e possuía registros no diário de bordo do capitão do submarino que realizou os torpedeamentos* – e o quanto isso seria péssimo aos norte-americanos já que suas relações comerciais com o Brasil apenas tendiam à florescer.

Outras mudanças ocorridas dizem a respeito dos famosos “blackouts” como eram conhecidos pelos aracajuanos, sendo o *blackout* um “apagão” na luz da capital que deixaria Aracaju às escuras, toda a luminosidade da capital, na visão dos órgãos de segurança, poderia atrair os olhos nazistas para ataques à capital de Sergipe, além dos apagões, houveram também toques de recolher a partir das 18h00, controlando assim o grande fluxo na cidade e precavendo de que em caso de possíveis ataques houvessem vítimas vagando pelas ruas. Situações como essa tornaram-se bastante comuns no dia-a-dia dos sergipanos litorâneos, com toda a cidade às escuras ao anoitecer, os cidadãos viviam em constante medo de ataques do Eixo e até mesmo o farol da cidade era apagado sob o receio de chamar a atenção de possíveis inimigos na costa, esse temor persiste na capital durante um longo período até constado o fim oficial do submarino U-507 posteriormente com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Outra mudança perceptível está no linguajar midiático, palavras que traçam uma referência a guerra se tornam comum e ecoam até os dias atuais na sociedade brasileira e sergipana, sejam as famosas “promoções relâmpago” ou os “combates” entre times numa partida de futebol.

“Não somente as notícias da guerra aparecem – como, por exemplo, a invasão à França, os avanços de Hitler, a preparação da Inglaterra - mas o próprio linguajar dos jornais é tomado por um certo belicismo. Fala-se em promoções do tipo Blitzkrieg (termo alemão para ‘guerra relâmpago’) contra as tristezas da vida. Quando se fala de um jogo, tratam como um combate entre os dois times. Vários termos ligados ao conflito acabam entrando no linguajar dos jornaisxx”.

A sociedade aracajuana também sofre com a escassez de alimentos, a guerra afeta a economia do Estado sergipano gerando dificuldades para seus cidadãos e em 1943 tem-se início

os treinamentos contra ataques aéreos na capital. O medo vira um companheiro do cotidiano de Aracaju, uma pequena cidade que não conhecia a guerra pessoalmente e a via apenas como algo Europeu, estaria se adaptando à nova realidade de forma gradativa.

O povo passa a contribuir com a guerra a partir da entrada do Brasil, demonstrando apoio nacionalista à defesa do país, surgem campanhas no Estado, entre elas a campanha patrocinada pela “FOLHAXXI” pro-aquisição avião “Aníbal Benévolo” iniciada no dia 1 de setembro de 1942 nos jornais diários da Folha da Manhã, a campanha visava arrecadar fundos para angariar os gastos com um novo avião para a força aérea nacional, dando-lhes o nome de Aníbal Benévolo em homenagem ao navio afundado na costa semanas antes, que, como dito anteriormente tinha enorme importância para a sociedade sergipana por ser composto em grande parte por sergipanos. Esta campanha durou mais de um mês e de forma sentimental e patriótica busca o apoio da população local procurando atingir não só as massas que compõem elite local sergipana como também as classes dos trabalhadores.

“Esta não é apenas uma campanha para os ricos. trata-se de um movimento em que Sergipe inteiro tem de tomar parte. Ricos e pobres, grandes e pequenos, todos a uma.xxii”

A campanha seguiu inicialmente muito positiva, tendo apoio em amplas áreas sergipanas e demonstrando uma crescente e próspera evolução de capital acumulado, por diversos meses esteve estampada nos jornais mas com o tempo acabou perdendo parte de sua efervescência e espírito nacionalista, levando a pouquíssimas doações durante os meses que sucederam, foi notado isto observando todas as edições do Folha da Manhã publicadas entre 1 de setembro de 1942 à 1 de março de 1943, deixando de se fazer presente diariamente nos periódicos.

5- SERGIPE VAI À SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

É interessante notar como Sergipe entra na Segunda Guerra Mundial, uma completa série de fatores históricos levaram à esse caminho, com seu ápice no afundamento dos navios, em especial o Aníbal Benévolo repleto de sergipanos. Em 1943, o Brasil inicia o processo de aquisição e envio de soldados do exército para o treinamento militar voltado a guerra nos EUA, em Sergipe houveram 277 soldados ingressos enviados diretamente de Sergipe a missão antinazista, fora os sergipanos que já faziam parte do corpo militar e dos sergipanos que viviam em outras regiões no momento em que foram chamados, nestes sergipanos haviam diversas funções como médicos, enfermeiras e soldados. Apesar da boa vontade brasileira em entrar na

guerra, o Brasil apenas viria a de fato iniciar sua participação em 1944, próximo ao término dos conflitos.

A formação da F.E.B. foi bastante emblemática no período, assumindo o símbolo de uma cobra fumando – *“É mais fácil uma cobra fumar que o Brasil ir à guerra.” Dito popular que marcou o símbolo da campanha brasileira.* – e sendo carinhosamente chamados de pracinhas – os *praças, soldados inexperientes* –, os pracinhas, em sua campanha na Itália tiveram momentos bastantes positivos e isso também alterou os ânimos do país de forma otimista. Ironicamente, grande parte dos estudantes que pediram a entrada do Brasil à guerra não demonstraram interesse em ingressar nas tropas, sendo que boa parte da força expedicionária brasileira era formada por trabalhadores em boa parte. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os pracinhas sergipanos retornam ao seu Estado glorificados e homenageados.

Há homenagens na atualidade no Memorial do Estado de Sergipe pertencente à Universidade Tiradentes, em que existem diversos itens históricos que marcaram a Segunda Guerra Mundial dos soldados de Sergipe, como vestimentas, armamentos e objetos utilizados pelos pracinhas sergipanos.

6-O FIM DA AMEAÇA NAZISTA A SERGIPE

“Torpedeado o submarino alemão que afundou os navios brasileiros”, alguns dias após o ataque foi estampado nas capas dos jornais sergipanos a notícia que o U-507 havia sido neutralizado pelas forças norte-americanas através do capitão tenente Jack Lacey. A partir da notícia duas questões são expostas: A manchete aponta a presença direta das forças norte-americanas agindo no território nacional e expõe a forma como o *DE.I.P.* explorava as informações com suas afirmações do êxito obtido com o ataque norte-americano tendenciosamente em favor do governo de Vargas. O ataque realizado pelo Jack Lacey ao submarino alemão não tinha possuído toda a eficácia difundida nos jornais, na verdade, o ataque apenas danificou partes superficiais do U-Boat e a ameaça prosseguiu no decorrer do ano de 1942, fazendo com que as defesas por toda a costa sul-americana fossem aumentadas.

O sossego para a população sergipana, em partes, só viria a se instaurar com o fim definitivo do U-507 no dia 13 de janeiro de 1943, abatido pelas forças norte-americanas através do Tenente Aviador Lloyd Ludwig e sua tripulação. Mas apenas com o fim da guerra que realmente haveria calma na sociedade sergipana.

“O U-507 foi ao fundo levando consigo quatro prisioneiros britânicos: o comandante do MV Oakbank, o comandante do SS Baron Dechmont - chamado Donald MacCallum - e o imediato e o comandante do SS Yookwood. Seu afundamento só seria confirmado após o fim da guerra.”xxiii

No dia 8 de maio de 1945, as notícias sobre a rendição da Alemanha eclodem nos jornais, levando toda a população a uma alegre euforia, tanto pela calma de finalmente ter um fim àquela situação crítica quanto a visão de um futuro promissor para o país e principalmente para o estado, o comércio poderia se reestruturar e voltar a fluir. *“O fim da guerra abre melhores rumos para o comércio de Sergipe”*xxiv estampava o título de uma manchete do jornal Diário de Sergipe do dia 8 de maio de 1945, prosseguindo a coluna para notícias do crescimento de compras nos dias seguintes voltadas ao comércio, constata-se então um certo otimismo retornando aos sergipanos, agora as vendas e exportações poderiam caminhar de volta aos eixos e o comércio viria a crescer novamente no Estado.

7 -HOMENAGENS AOS MORTOS

Desde a Primeira Guerra Mundial, como apontado por Le Goff, o monumento – *Túmulo* – passa a ter uma conotação especial, que transcende os limites já delimitados como memória e permite que o cadáver anônimo não decaia ao profundo esquecimento e à insignificância, mesmo a Segunda Guerra Mundial tendo diminuído essas atitudes devido a quantidade exorbitante de mortes ocorridas, as honrarias não foram deixadas de lado.

“Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em tomo da memória comum.”xxv

No Estado de Sergipe pós Segunda Guerra Mundial, foram criados diversos monumentos e pontos históricos que remetem a esta época pretérita e que significam os mortos nos ataques, como foi o caso da praia dos naufragos – *que foi o local onde diversos corpos começaram a surgir no dia posterior ao ataque e que recebeu essa nomeação como forma de homenagear as vítimas dos naufrágios* –, A rodovia dos naufragos ligando os bairros Atalaia e Mosqueiro no município de Aracaju – *criada a partir dos eventos ocorridos no local e tendo seu nome remetendo aos naufrágios, também como forma de homenagem* –, Há ainda nesta mesma região o cemitério dos naufragos, neste cemitério jazem os corpos dos que foram mortos durante o ataque do u-boat alemão aos navios – *de crianças, mulheres e idosos, à famílias e soldados que se faziam presentes no momento do ataque e que horas após o desastre surgiram de forma infindável nas praias sergipanas* –.

Essas homenagens simbolizam o valor dado àqueles que pereceram, ressaltam o valor da memória coletiva para a sociedade contemporânea sergipana e propõem uma reflexão sobre o passado, assim como uma reflexão também sobre o presente, incitando à se pensar os resultados que uma guerra pode gerar.

Apesar de toda a importância histórica carregada por estes locais, na atual sociedade sergipana dificilmente os locais são associados ao incidente, e as vezes, como é o caso do Cemitério dos Náufragos, desconhecem a sua existência. É comum pessoas ao receberem a informação sobre o real significado do local se sentirem bastante surpresas e sem palavras, isto demonstra o quanto a memória pode estar fadada ao esquecimento e a relevância do papel da História para a preservação da memória.

CONCLUSÕES

O Estado de Sergipe, apesar de ser o menor Estado brasileiro, tem o seu valor na história, assim como qualquer outro estado, mas no contexto da Segunda Guerra Mundial, Sergipe se insere no conflito como um dos principais alvos atingidos em toda a América do Sul, o que no período histórico impacta profundamente a vida da população sergipana, tornando-se protagonista e ganhando a atenção de jornais de todo o Brasil e de todo o mundo, tudo muda após o ataque, não de forma sutil como acontecia nos anos antecedentes à guerra, mas sim de forma enérgica, a guerra causa efeitos inimagináveis na mentalidade de um povo e quando o Estado de Sergipe é atingido, a mentalidade que antes era imparcial à guerra e neutra, transforma-se em um pensamento unido de que é necessário fazer algo, porque a guerra chegara. A guerra gera perdas de entes queridos, dificuldades financeiras e alimentícias, pressões exacerbadas aos governos vigentes e principalmente o medo, presente todo o tempo na vida de cada um cidadão dentro de um ambiente conflituoso, o conjunto dessas situações podem ser notadas em Sergipe, antes, durante e depois do ataque aos navios no litoral nordestino, o medo da guerra chegando porém, apenas a partir do contato direto com os nazistas.

Quando a Segunda Guerra começou, os sinais dela já estavam sendo apontados, dificuldades em importações, aumento do preço de produtos e as vezes até mesmo a falta do produto em si, alterações sutis na vida do sergipano mas que tiveram um grande impacto e uma grande influência no que se seguiu, se era péssima a situação de não haver alimentos e não ter dinheiro suficiente para manter o padrão de vida que havia antes da guerra se iniciar, tudo piora

com os ataques ao litoral, Sergipe não só tinha problemas indiretos criados pela guerra como estava com problemas diretos advindo de uma ameaça real, o U-507 vira uma espécie de “*bicho-papão*” para o Brasil e principalmente para os sergipanos, até o término da guerra com a comprovação do fim dele, foram vários meses de receio que ele atacasse novamente, de forma sorrateira, os que se aventurassem na costa nordestina nos navios.

Com o fim da Segunda Guerra tudo começa a retornar para seu devido lugar, os pracinhas enviados a Itália retornam como heróis a partir dos feitos positivos em território europeu contra a ameaça nazista e surgem diversos locais pela cidade voltados a perpetuação da memória dos que lutaram e dos que se foram pelo país, o comércio volta a fluir ou ao menos sonhar em ter seu crescimento de volta, o medo de uma ameaça iminente é extinto e nos jornais sergipanos é mostrado de forma clara o aspecto vitorioso que, tanto a desistência nazista àquela guerra travada, quanto os êxitos obtidos da Força Expedicionária Brasileira trouxeram para Sergipe.

Atualmente, há uma falha na perpetuação da memória em torno dos cidadãos da nova geração sergipana acerca do conhecimento da história de Sergipe no trecho da Segunda Guerra Mundial, raro são os casos de em que as pessoas sabem fatos importantes da história do local onde vivem na região. Há um déficit também nos colégios, muitos professores de História acabam deixando passar, em suas turmas, a importância e a participação do Estado de Sergipe no período, o problema não só atinge o ensino da História mas adentra nos pontos em que acontecem poucas vezes eventos que remetem aos eventos da Grande Guerra pelo Nordeste, apesar da existência hoje em dia do memorial cemitério dos naufragos, ele praticamente não é divulgado e está em estado de quase abandono, o mesmo do cemitério localizado na praia em que os corpos realmente foram enterrados, quanto a praia dos naufragos mantém-se hoje em dia como ponto turístico aracajuano mas sem referenciar as tragédias que ali ocorreram. Bastante comum são comentários sobre o local embasados por achismo, cederem ao pensamento sem aprofundamento de que o nome derivou de um simples naufrágio na praia, ausentando o significado que aquele local representa na história de Aracaju e de Sergipe.

Ainda assim, Sergipe consegue demarcar seu protagonismo na história da Segunda Guerra Mundial, como um território pequeno, mas que teve suas estruturas sociais, políticas e econômicas abaladas diretamente pela guerra, levando à uma série de acontecimentos em todo o Estado e modificando permanentemente a vida dos cidadãos envolvidos.

